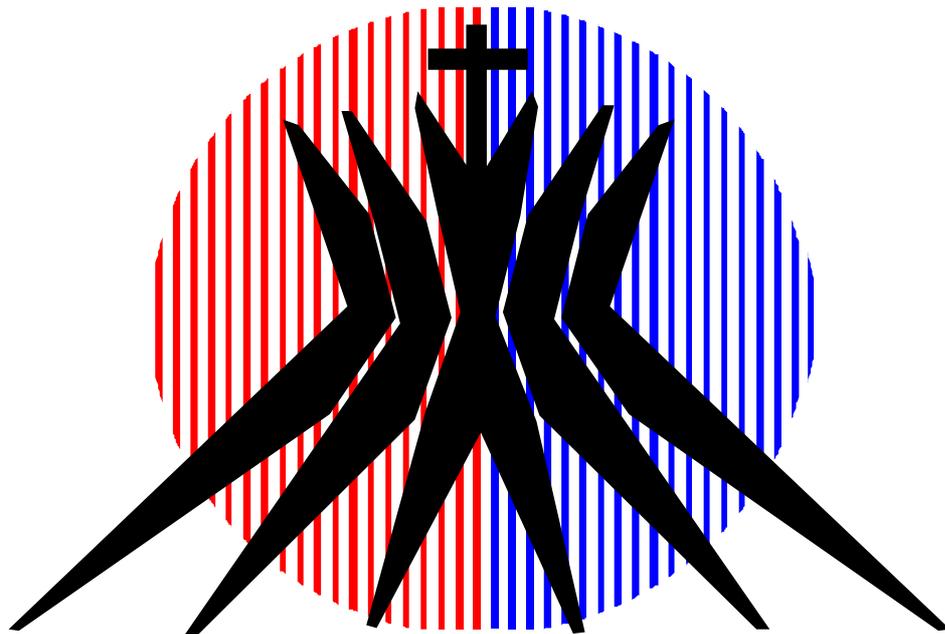


Universidade Católica de Brasília
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Mestrado em Economia de Empresas



Décio Bottechia Júnior

“Uma Análise dos Fatores Determinantes da
Prostituição Feminina”

DÉCIO BOTTECHIA JÚNIOR

“Uma Análise dos Fatores Determinantes da Prostituição Feminina”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação “Strictu Sensu” em Economia de Empresas da Universidade Católica de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Economia de Empresas.

Orientador: Prof^o. Dr. Tito Belchior Silva Moreira

Brasília, DF.
2005

TERMO DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida e aprovada por Décio Bottechia Júnior como requisito para obtenção do Título de Mestre em Economia de Empresas, defendida e aprovada, em 30 de Junho de 2005, pela Banca examinadora constituída por:

Prof. Dr. Charles Lima de Almeida

Prof. Dr. Carlos Eduardo Gasparini

Prof. Dr. Tito Belchior Silva Moreira

À minha querida esposa Juliana, que tem proporcionado tão-somente alegrias e ensinamentos com seu jeito especial de ser.

Aos meus filhos queridos e maravilhosos, Netto e Marina, que contribuíram muito, incentivando-me a jamais desistir de um sonho.

Com os celeiros cheios, podemos ficar atentos a questões de educação e de integridade; com roupa e alimento suficientes, é possível pensar em honra. Kuan-tsu (primeiro ministro da China – Estado de Ch’i. Filósofo legalista que enfatizou as habilidades práticas e econômicas; 645 a. C.)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Tito Belchior Silva Moreira que, com sua inestimável sabedoria, ensinou-me a estudar e pensar como pesquisador, que, com os seus conhecimentos de estatística, muito ajudou, conduzindo-me na construção e conclusão desse estudo.

Ao Prof. Dr. Adolpho Sachsida, que desde sempre tem representado um exemplo a ser seguido, com seu jeito especial de ser, companheiro, amigo, disponível e compartilhando seu saber, contribuindo a todo o momento e intensamente para a elaboração deste estudo e para meu crescimento pessoal e profissional.

Aos componentes da banca examinadora na pessoa do Prof. Dr. Carlos Eduardo Gasparini e a todos os docentes das disciplinas que freqüentei, por terem feito parte desta caminhada, em que o conhecimento apreendido foi extremamente válido e conclusivo para este estudo.

Ao Prof. Charles Lima de Almeida pelas cuidadosas observações, contribuindo com seu saber para o meu aprimoramento na continuidade dos estudos.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação e do Departamento de Economia da Universidade Católica de Brasília – UCB, por terem sido tão prestativos nos momentos em que necessitei de ajuda.

A todas as profissionais do sexo, em especial àquelas que contribuíram neste estudo com suas “Histórias de Vida”, acrescentando e enriquecendo meu trabalho e aperfeiçoamento profissional.

Aos meus familiares, em especial esposa, filhos, mãe e sogra, pela compreensão da minha ausência em alguns momentos, pelo companheirismo, incentivo e apoio incondicional durante todo o caminhar neste estudo e por toda a trajetória da minha existência.

RESUMO

Este trabalho analisa o fenômeno de exploração econômica que varia não só no grau de institucionalização, mas também conforme o local e a época, sendo, portanto, necessário o seu dimensionamento: a prostituição feminina. O estudo teve, como recorte, a prostituição feminina com objetivo de tentar detectar quais as variáveis socioeconômicas e de interação social que sejam determinantes. A pesquisa foi realizada junto a profissionais do sexo, considerando somente adultas jovens, que exercem a prática da prostituição de rua na capital federal – Brasília e Cidades do Entorno, Taguatinga e Samambaia, no ano de 2004. Como referencial teórico e conceitual, foram observadas as variáveis sob os aspectos econômicos, tais como: risco, renda, educação e discriminação, além das variáveis sociais como: religião, local de nascimento, qualidade da vizinhança e interfaces da instituição familiar com o fenômeno. Os resultados derivados da análise fatorial mostram que os fatores socioeconômicos e de interação social são comuns e determinantes do fenômeno estudado: a prostituição feminina.

Palavras-Chaves: Prostituição feminina, Renda, Risco, Família, Análise Fatorial.

ABSTRACT

This paper analyzes female prostitution according to the economic exploration point of view. It varies according to the legal aspects of a country and according to the specific place and time. The present research tries to determine which of the social and economic variables and social interaction are imperative in female prostitution. The research was done with young adult women working as prostitutes, in 2004, in Brasília's streets (the Brazilian capital) and Taguatinga and Samambaia, two cities located near Brasília. As theoretical and conceptual references it was used some economic and social variables, such as risk, income, education, social discrimination, religion, birth's place, neighborhood's social conditions of the birth's place and family's interfaces with prostitution. Derived results from factorial analysis show that some social and economic factors and social interaction are common and determinative in female prostitution.

Keywords: Feminine Prostitution, Income, Risk, Family, Factorial Analysis.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Perfil Econômico.....	31
Tabela 2: Perfil Social	34
Tabela 3: Teste de KMO e de Esfericidade de Barlet	36
Tabela 4: Total da Variância Explicativa.....	37
Tabela 5: Matriz Rotada - Método Varimax	38

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 - Revisão da literatura.....	14
Capítulo 2 - Metodologia.....	22
2.1 - Modelo de análise fatorial.....	24
2.2 - Estatística associada à análise fatorial.....	26
Capítulo 3 - Descrição dos dados.....	27
3.1 - Estatística descritiva.....	30
3.1.1 - Variáveis associadas a fatores econômicos.....	30
3.1.2 - Variáveis associadas a fatores de interação social.....	33
Capítulo 4 - Análise dos resultados	35
4.1 - Análise da adequacidade - análise fatorial.....	35
4.2 - Determinação do número de fatores	36
4.3 - Interpretação dos fatores.....	37
Considerações finais.....	41
Referências bibliográficas.....	44
Anexos	47
Anexo A: Pesquisa de Campo - Questionário	48.
Anexo B: Estatística Descritiva	51
Anexo C: Análise Fatorial	60

INTRODUÇÃO

A prostituição é um negócio miliardário e que emprega milhões de mulheres, mesmo com baixa qualificação, mundo afora. Um estudo¹ recente estima que, na Indonésia, na Malásia, nas Filipinas e na Tailândia, entre 0.25 e 1.5 por cento da população feminina ganha a vida trabalhando como prostitutas.

A prostituição possui um aspecto singular: é um mercado bem remunerado, apesar de ser pouco qualificado; a demanda é enorme e é preciso acrescentar, é dominado pelas mulheres. Os ganhos, até para as mais mal pagas – prostitutas de rua – podem chegar a ser várias vezes maiores que os ganhos em tempo integral para profissões com semelhante nível de qualificação.

O estudo da O. I. T. aponta o mundo do sexo como sendo responsável por algo entre 2 e 14 por cento do produto interno bruto daqueles países (Lim 1998). A prostituição é mais comum em países subdesenvolvidos, mas está longe da extinção nos países desenvolvidos (Philipson e Postner 1993; Atchison, Fraser e Lowman 1998).

Portanto, qual seria o fator preponderante para a opção por esse mercado de trabalho? É diversa a literatura que aponta basicamente os fatores sociais, porém também há os que afirmam serem as questões econômicas como fatores principais, tanto que, por exemplo, *The Economist*² denunciou o fato de que mulheres árabes poderiam faturar cerca de 2 mil dólares

¹ Estudo realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), para analisar o mercado na Indonésia, Malásia, Filipinas e Tailândia citado em Edlund e Korn (2002).

² Edição de 14 de fevereiro de 1998 do *The Economist*, citada por Lim (1998).

por noite nos Estados do Golfo.

A partir deste cenário, o trabalho teve, como recorte, a prostituição feminina, com o objetivo de tentar verificar quais os fatores determinantes para a prostituição feminina e tendo como base, um grupo de variáveis explicativas provenientes da literatura e da pesquisa de campo sobre o tema.

Como podem os ganhos, numa profissão cuja qualificação e os capitais requisitados são apenas rudimentares, ser tão vantajosos que uma mulher possa ganhar, num único dia, o que a maioria das mulheres leva semanas ou até meses para acumular ?

Antes de prosseguir, é preciso definir prostituição. Apesar de ser conhecida como a profissão mais antiga do mundo, uma definição viável tem-se mostrado praticamente inatingível. A edição de 1999 do dicionário Aurélio define prostituição como sendo o comércio habitual ou profissional do amor sexual.

No entanto, uma prostituta não pode ser apenas uma mulher que vende seu corpo, uma vez que as mulheres que se tornam esposas fazem isso todos os dias em troca de um lar e de um modo de subsistência (Ellis, 1936). A promiscuidade é sugerida como sendo um outro fator.

Entretanto, a promiscuidade por si só não faz de uma mulher uma prostituta. Apesar de serem promíscuas, a maioria das pessoas concordaria com a afirmação de que relacionar-se com muitos homens não implica prostituição.

Soma-se a esse fato um outro: se o casamento é importante fonte de renda para as mulheres, conclui-se que a prostituição certamente paga melhor que outros trabalhos,

compensando o custo de se virar as costas para as vantagens de um casamento.

Por outro lado, pode-se considerar a prostituição como um ato de entrega, do ponto de vista do cliente: sexo não-reprodutivo *versus* pagamento. Essa definição é coerente com a concepção legal de casamento: um contrato relacionando o marido com a criança nascida da esposa. Portanto, casamento não é prostituição, independentemente da duração.

Apesar de se tratar de uma simplificação grosseira, para os objetivos desta tese afirmar-se-á que uma prostituta vende sexo com fins não reprodutivos, o qual denominaremos “sexo comercial”, ao passo que uma esposa vende sexo que visa a reprodução (sexo mais criança; Ellis, 1936). Perceba-se que as duas atividades acima definidas, a do sexo comercial e a do sexo para reprodução são geralmente excludentes. Porém, caso a prostituta seja casada, o marido pode ter conhecimento ou não da sua atividade profissional e até mesmo ser seu empresário.

Além do mais, outra variável que se poderia analisar é se o desejo de um homem de sustentar uma esposa supera seu desejo de pagar por uma prostituta. Pode-se ir mais longe: a prostituição tem sofrido um declínio ao longo do último século nos países desenvolvidos e sugere-se que tal fato pode estar ligado não apenas ao aumento da renda das mulheres, mas também ao aumento da renda dos homens.

Com o objetivo de fundamentar a definição apresentada a respeito da prostituição e algumas de suas abordagens, inclusive no cenário socioeconômico, apresenta-se a seguir uma breve revisão da literatura.

1. REVISÃO DA LITERATURA

Existem diversas abordagens a respeito da prostituição. Pode ser de crianças, jovens, homens, mulheres e ainda envolver turismo sexual, sexo comercial, entre outros. Considerando os fatores econômicos Hirshman e Larson (1998) examinam as negociações sexuais através da lente da teoria dos jogos e outros paradigmas da barganha formal, onde se pressupõe que, ao estabelecer um acordo, ambos os lados sairão satisfeitos da negociação, sem constrangimentos de qualquer natureza.

Hirshman e Larson então descrevem um histórico da evolução daquele modelo formal para o de virtude “vitoriana” em que passa a ocorrer o que intitulam de “barganhas não livres”, pois não está na mulher a liberdade ou o lucro da negociação como o aumento dos bens de propriedade, por exemplo.

Para cada época, os autores demonstram os caminhos nos quais a lei prevalecente, filosofia ou ideologia que fortalecem ou enfraquecem os jogadores nas suas barganhas sexuais e ligam estas barganhas às posições relativas dos homens e das mulheres na sociedade.

Relatam ainda um paradigma “libertino” que chega à “barganha desregulada”, ou seja, uma negociação efetuada com emprego da intimidação e do constrangimento pela força que, parece, esperarem evoluir para um modelo emergente de “barganhas difíceis”, pois os jogadores, mesmo exigentes a ponto de dificultar o acordo, conseguiriam chegar a um bom termo de negociação.

No final, propõem um novo código para governar as relações da prostituição, parceria

sexual e estupro mas, intencionalmente, deixam fora de sua discussão a questão que tem sido central para prévias condições históricas: o relacionamento entre barganhas sexuais e precauções contra a reprodução.

Mason (1999), uma professora de direito e bem estar social em Berkeley, bate onde Hirshman e Larson desistem, os fatores sociais. Sua tese é de que as guerras de custódia entre os adultos e a assistência legal de acompanhamento na igualdade entre mães e pais penalizam as crianças, pois não se preocupam com elas em primeiro lugar.

Além disso, Mason alega que, enquanto as mães não precisam de casamentos longos para escapar de manchas morais e enquanto elas podem deixar relacionamentos infelizes com uma maior reivindicação de suporte financeiro do que elas uma vez tiveram, agora se mantêm reféns dos pais, “direitos estritamente biológicos, não relacionados com o atual casamento ou parentesco”.

As mães poderiam retificar o desequilíbrio, dando maior peso aos interesses das crianças mas, a questão que ela não corrige é aquela concernente a Hirshman e Larson: como as regras da custódia revista, que ela propõe, afetariam as relações contínuas entre mães e pais? Como as regras de segundo plano influenciam as expectativas de homens e mulheres a respeito dos termos dos seus afetos?

Ao considerar o papel da lei familiar em recriar entendimentos agora divididos entre parceiros íntimos, Mason conclui que a lei de custódia é a base para a formação dos novos códigos.

Nesse sentido de fatores sociais, Patterson (1998) documenta a crise na comunidade

afro-americana em termos do declínio dos casamentos, aumento no isolamento, solidão e hostilidade de gênero. Ele pede por mais casamentos inter-raciais e repreende os homens negros pelo fato de que muitos dos seus comportamentos alienaram as mulheres negras em relação ao seu papel na sociedade.

Patterson situa a origem das relações de raça nos decréscimos da época dos direitos civis. A conclusão da controvérsia sociológica de Harvard, citada por Patterson, é que o problema fundamental (agora encarando os afro-americanos) reside na dificuldade de se estabelecerem papéis apropriados aos homens e às mulheres, enquanto parceiros íntimos.

Por outro lado, outras questões se agravam: como, na sociedade, entender as bases aceitáveis para relacionamentos de gênero formados e mantidos? O quanto a cooperação entre pais e mães é essencial para o bem-estar da nova geração? Como os pais podem ser encorajados a continuarem a investir nas suas crianças, numa época em que os adultos são deixados livres para mudarem os termos dos seus acordos familiares a qualquer momento?

Patterson parte da história, da filosofia e da sociologia para argumentar que mudanças recentes na moralidade sexual, nos dos agentes sociais e os limites societários entre casa e mercado, têm enfraquecido as forças que mantêm parceiros juntos.

Harcourt (1999) relata³ um fator social com o surgimento, no curso das últimas duas décadas, de uma transformação muito significativa no debate sobre o esforço legal da moralidade. Como o princípio do dano, na filosofia legal anglo-americana nos anos 60 e 70, fato que provocou para a proliferação de argumentos conservadores do dano nos anos 80 e 90.

³ Harcourt publicou no *Journal of Criminal Law and Criminolog*, no volume 90, entre as páginas de 109 a 194 de 1999, *O colapso do princípio do dano*.

Armado com estudos das ciências sociais, com dados empíricos e com evidências contraditórias, os proponentes de regulação e proibição têm-se abrigado na retórica dos anos 60, do moralismo legal e adotado, em vez de argumentos de dano.

Conforme Harcourt cita, Catharine MacKinnon, por exemplo, focou a atenção nos múltiplos danos para as mulheres causados pela pornografia. A teoria das “janelas quebradas” de prevenção de crime enfatiza quão os menores crimes (como prostituição e ociosidade) causam os maiores crimes, o declínio da vizinhança e a decadência urbana.

Por outro lado, os danos associados com a disseminação da AIDS têm sido usados para justificar os aumentos da regulação homossexual e a conduta heterossexual influenciando a prostituição com a preocupação com os riscos do comércio sexual e, principalmente, com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e da própria AIDS.

O movimento de moderação em Chicago⁴ focaliza a atenção nos efeitos prejudiciais dos estabelecimentos de venda de bebida alcoólica na vizinhança, em paralelo à queda dos valores das propriedades que colaboraram para a decadência local.

Além disso, Harcourt diz que o debate sobre as drogas – que costuma ser um crime sem vítimas de propriedade – agora se move em redor dos danos causados pelo seu uso *versus* os danos causados pela guerra do tráfico.

A proliferação dos argumentos dos danos, à moral e aos bons costumes, colapsou o sistema legal, uma vez que, essas reivindicações, tão difundidas, tornaram sem sentido o

⁴ Harcourt cita o movimento de moderação em Chicago como um exemplo da teoria das “Janelas Quebradas” de Mackinnon, sobre como a decadência urbana pode derivar de crimes maiores que não tenham sido prevenidos quando eram crimes menores .

princípio do dano.

Esse princípio, traduzia não apenas o prejuízo material causado a alguém, mas, também a ofensa ou o mal que se faz a outro. Harcourt afirma que o colapso produziu significativa mudança na estrutura do debate sobre o esforço legal da moralidade.

Então hoje, o princípio do dano funciona mais como um princípio crítico. Nessa sua nova edição, não é visado se uma ofensa moral causa dano, mas, sim, a quantidade de danos que a conduta provocada causou e como os danos se comparam. Harcourt considera como princípio de dano silencioso situações de, por exemplo, constrangimento da imagem que levem à depressão.

Esta nova edição apresenta uma saída radical do discurso liberal dominante dos anos 60 e tem importantes implicações para a forma que nós argumentamos e resolvemos, hoje, controvérsias sobre o esforço legal de moralidade.

Harcourt conclui que a transformação estrutural do debate da moralidade em uma larga escala de debates políticos e legais, incluindo pornografia, prostituição, uso de drogas, homossexualidade, ociosidade, consumo de álcool e ofensas sexuais, estão inter-relacionados e é uma evolução da sociedade decadente.

Conforme Carneiro, Loureiro e Sachsa. (2005), as interações sociais são definidas como qualquer tipo de relacionamento de um indivíduo com outros indivíduos que possam afetar seus comportamentos. Utilizou-se a base de dados obtida por meio da pesquisa de campo para verificar se a interação entre as prostitutas e suas respectivas famílias, vizinhança e a comunidade em que vivem tem alguma influência no seu comportamento para se tornar

prostituta.

A teoria do desvio, de Goffman (1975), é muito utilizada nos fatores sociais para definir as identidades marginais. O termo desviante implica a idéia, pré-estabelecida, de uma norma social dominante, que o sujeito desvirtuou, cujas regras perverteu (Bacelar, 1982; Espinheira, 1984).

Em consequência, o sujeito deve ser discriminado, e discrimina a si mesmo, já que o desvio não é apenas uma das facetas de sua personalidade, mas responde por seu todo.

Outra visão, a dos fatores econômicos, (Castro 1993; Rago, 1996; Gaspar, 1988) explicita a teoria da sexualidade perversa, segundo a qual as "características naturais femininas" seriam desvirtuadas e levadas a extremos e resultariam em uma perversão de valores e condutas de cunho individual.

Ao lado de todas as explicações para essa profissão, e dos preconceitos em torno de quem a pratica, não existe uma intenção clara de se erradicar os fatores econômicos determinantes da prostituição.

Ao contrário, a luta de forças dá-se no terreno da reclusão das mulheres em zonas, certas ruas das cidades, ou a seus arredores, (Castro, 1993; Rago, 1996; Espinheira, 1984, Roberts e Lopes, 1998; Wolf, 1998). Essa prática seria um "mal necessário", parte constituinte de sociedades calcadas na desigualdade de bens e consumo.

A divisão da sociedade em mundo público ou "mundo das prostitutas" e o mundo privado ou das "mulheres da sociedade" regula as trocas subjetivas dos grupos sociais: quem pertence a um não pode circular impunemente pelo outro, sob pena de, conforme a teoria do

desvio, ser apontado ou como invasor ou, no mínimo, um desviante da ordem estabelecida.

Esses mundos são excludentes, a cisão sustenta a ordem social; a destruição de um implicaria a falência do outro (Gomes, 1994; Goffman, 1975). E a necessidade de controle dos corpos passa também pela necessidade de controle do espaço físico, subjetivo e institucional. (Castro, 1993; Engel, 1986; Rago, 1996).

A miséria econômica é vista, no Brasil, como um dos principais motivos de ingresso no mundo da prostituição, mas Gaspar (1998) lembra que, nos Estados Unidos, é possível considerar a prostituição uma escolha pessoal por um trabalho independente.

Já na França, Gaspar considera que a prostituição estaria, geralmente, ligada à figura de um aliciador e aconteceria por "engano", "inocência" ou "falta de informação" das mulheres envolvidas. Não existe, portanto, uma explicação constante para o assunto (Gaspar, 1988).

Sem dúvida, as desigualdades econômicas e sociais fomentam a exploração e o comércio do sexo. Mas a prostituição apresenta diferentes nuances entre as classes sociais e, assim, sugere a relativização de sua ligação com a miséria da população (Castro, 1993; Moraes, 1996; Wolf, 1998; Szterenfel e Fonseca, 1996).

Essas desigualdades aumentam a diversidade de eventos possíveis e conseqüentemente o número de agências de promoção de encontros. Cresce o número de mulheres de programa (Gaspar, 1988; Moraes, 1996; Szterenfel e Fonseca, 1996) e surgem as *call girls* (serviços por telefone/internet) e as *scort girls* (escolha por catálogos).

Nesse mercado, circulam mulheres das mais variadas classes sociais, muitas com

formação universitária e domínio de mais de um idioma. A beleza, o luxo e o mistério acerca do trabalho fazem parte do negócio e contribuem para uma carreira de sucesso.

Muitas dessas mulheres não se considera prostitutas, apesar de o produto final de sua negociação ser o mesmo. A diferença entre as prostitutas de luxo e o baixo meretrício (Moraes, 1996) não é tão grande quanto as primeiras gostariam de acreditar. As diferenças principais dizem respeito às identificações e ao culto à beleza.

Para uma “garota de programa”, a garantia de uma carreira de sucesso e de muitos fregueses é o sigilo, pois muitas são convidadas para participar de festas, convenções e eventos diversos na companhia de executivos, empresários e turistas. Em geral, nesses espaços exige-se uma postura que em nenhum momento as identifique como prostitutas.

Para continuar no mercado, essas mulheres precisam diferenciar-se por atributos físicos e sociais. É necessário vestir as roupas da moda, conhecer os lugares da moda. O culto à beleza e a preocupação com os modismos fazem parte do cotidiano dessas mulheres.

Em uma sociedade em que "ser bonita" e "estar bem vestida" é quase um sinônimo de realização pessoal, sucesso e felicidade, fugir a esses padrões é uma ameaça às possibilidades de trabalho (Gaspar, 1988; Wolf e Barcelos, 1992).

Entre as mulheres que fazem prostituição de rua, os critérios são outros. Ao invés do segredo em torno da atividade, estas precisam deixar claro quem são e o que fazem. Além disso, devem escolher um local da cidade reconhecido como lugar de prostitutas (Ribeiro e Mattos, 1996). O cliente precisa saber identificar quem é e quem não é prostituta naquele contexto.

Do ponto de vista do fator econômico, a pesquisa realizada por Szterenfel e Fonseca (1996) nas áreas da Praça Tiradentes e da Central do Brasil, no centro do Rio, e na Praça do Pacificador, em Caxias, mostra que definir a prostituição de rua como prostituição de baixa renda não condiz com a realidade, já que a renda vai depender do desempenho das mulheres, do tipo de freguês e do ponto de trabalho.

Com relação à beleza e à moda, as diferenças também se mostram. Entre as na rua, é mais difícil explicar o sucesso no trabalho, pois existem mulheres de variadas idades e de estilos completamente diferentes. Mulheres muito bonitas, mulheres feias, novas, velhas, negras, mulatas, brancas, gordas, magras, baixas, altas, entre outras.

Algumas se vestem segundo nossa imagem interna da prostituta: roupas extravagantes, muitos colorares e pulseiras. Mas a maioria das mulheres da vida veste roupas comuns, sem muita irreverência. Conseguir clientes, enfim, não depende de estereótipos sobre beleza e vestuário.

2. METODOLOGIA

A análise fatorial é um nome genérico que designa uma classe de processos utilizados essencialmente para redução e sumarização dos dados. Na pesquisa econômica, pode haver um grande número de variáveis, a maioria delas correlacionadas, e que devem ser reduzidas a um nível gerenciável.

Estudam-se as relações entre conjuntos de muitas variáveis inter-relacionadas,

representando-as em termos de alguns fatores fundamentais. Por exemplo, a imagem de um estabelecimento pode ser medida pedindo-se aos entrevistados que o avaliem segundo uma série de itens em uma escala diferencial semântica que tentará extrair informações dos questionários a serem respondidos ao entrevistador. Analisam-se então, essas avaliações para determinar os fatores fundamentais da imagem do estabelecimento por meio desse método de extração⁵.

Em análise da variância, regressão múltipla e análise discriminante, uma variável é considerada como dependente, ou variável critério, e as outras, como variáveis independentes ou prognosticadoras.

Em análise fatorial, entretanto, não se faz tal distinção. Ao contrário, a análise fatorial é uma técnica de interdependência, no sentido de que se examina com técnica estatística multivariada todo o conjunto de relações interdependentes.

Utiliza-se a análise fatorial nas seguintes circunstâncias :

A) Para identificar dimensões latentes ou fatores que expliquem as correlações entre um conjunto de variáveis. Por exemplo, pode-se utilizar um conjunto de afirmações sobre estilos de vida para avaliar os perfis psicográficos de consumidores. Essas afirmações podem então ser analisadas fatorialmente para identificar os fatores psicográficos subjacentes explicando aquelas correlações.

B) Para identificar um conjunto novo, menor, de variáveis não correlacionadas para substituir o conjunto original de variáveis correlacionadas na análise multivariada

⁵ O método usual de extração de fatores é o de Componentes Principais.

subseqüente (regressão ou análise discriminante). Por exemplo, os fatores psicográficos identificados podem ser usados como variáveis independentes para explicar as diferenças entre clientes fiéis e eventuais.

C) Para identificar, em um conjunto maior, conjuntos menores de variáveis que se destacam para uso em uma análise multivariada subseqüente. Por exemplo, algumas das afirmações originais sobre estilos de vida que se correlacione fortemente com os fatores identificados podem ser usadas como variáveis independentes para explicar as diferenças entre clientes fiéis e eventuais.

2.1 MODELO DE ANÁLISE FATORIAL

Matematicamente, a análise fatorial é algo semelhante à análise de regressão múltipla, pelo fato de cada variável ser expressa como uma combinação linear de fatores subjacentes. Deve-se considerar cada fator como uma dimensão subjacente que explica as correlações entre um conjunto de variáveis.

A quantidade de variância que uma variável compartilha com todas as outras variáveis incluídas na análise é chamada comunalidade.

A co-variação entre variáveis é descrita em termos de um pequeno número de fatores comuns, mais um fator único (ou exclusivo) para cada variável. Esses fatores não são observados abertamente. Se as variáveis são padronizadas, o modelo fatorial pode ser representado como:

$$X_i = A_{i1} F_1 + A_{i2} F_2 + A_{i3} F_3 + \dots + A_{im} F_m + V_i U_i$$

Onde:

X_i = i ésima variável padronizada

A_{ij} = coeficiente padronizado de regressão múltipla da variável i sobre o fator comum j

F = fator comum

V_i = coeficiente padronizado de regressão da variável i sobre o fator único i

U_i = o fator único para a variável i

m = número de fatores comuns.

Os fatores únicos não são correlacionados uns com os outros e com os fatores comuns. Os fatores comuns podem, eles próprios, ser expressos como combinações lineares de variáveis observáveis.

$$F_i = W_{i1} X_1 + W_{i2} X_2 + W_{i3} X_3 + \dots + W_{ik} X_k$$

Onde:

F = estimativa do i ésimo fator

W_{ij} = peso ou coeficiente do escore fatorial

K = número de variáveis

É possível escolher pesos ou coeficientes de escore do fator de modo que o primeiro fator explique a maior parte da variância total. Em seguida, pode-se escolher um segundo conjunto de pesos, de modo que o segundo fator responda pela maior parte da variância

residual, desde que não seja correlacionado com o primeiro.

O mesmo princípio pode ser aplicado à escolha de pesos adicionais para os outros fatores. Há várias estatísticas associadas à análise fatorial. Assim, os fatores podem ser estimados de modo que seus escores, ao contrário dos valores das variáveis originais, não sejam correlacionados. Além disso, o segundo fator pela segunda variância mais alta, e assim por diante.

Então, pode-se dizer que a análise fatorial é um conjunto de processos utilizados para reduzir e resumir dados. Cada variável se expressa como uma combinação linear dos fatores subjacentes, que, por sua vez podem expressar combinações lineares das variáveis observadas por meio do cálculo da análise fatorial.

Neste contexto foram cerca de 37 variáveis que para questões de estudo foram agrupados em 8 fatores (análise fatorial). Pretende-se identificar as características que sejam capazes de explicar o fenômeno estudado, sendo fatores econômicos ou de interação social.

2.2 ESTATÍSTICAS ASSOCIADAS À ANÁLISE FATORIAL

As estatísticas-chave associadas à análise fatorial são:

A) Teste de esfericidade de Bartlett: uma estatística de teste usada para examinar a hipótese de que as variáveis não sejam correlacionadas na população. Em outras palavras, a matriz de correlação da população é uma matriz de identidade; cada variável se correlaciona perfeitamente com ela própria ($r = 1$), mas não apresenta correlação com outras variáveis ($r = 0$).

B) Medida de adequacidade da amostra de Kaiser-Meyer-Oklin (KMO): índice usado para avaliar a adequacidade da análise fatorial. Valores altos (entre 0,5 e 1,0) indicam que a análise fatorial é apropriada. Valores abaixo de 0,5 indicam que a análise fatorial pode ser inadequada.

C) Percentagem de variância: percentual da variância total atribuída a cada fator.

D) *Scree plot*: gráfico dos autovalores *versus* número de fatores por ordem de extração.

3. DESCRIÇÃO DOS DADOS

Este trabalho foi realizado junto a profissionais do sexo, considerando na maioria adultas jovens que exercem a prática da prostituição de rua na Capital Federal – Brasília e Cidades do Entorno, Taguatinga e Samambaia no ano de 2004.

Para a coleta de dados no trabalho de campo foi utilizada a técnica de questionário pelo método de extração, onde foram entrevistadas cerca de 151 profissionais do sexo, tendo idade entre 18 e 55 anos. Cerca de 82,5% das mulheres pesquisadas possuíam até 29 anos.

Seguindo o referencial teórico e conceitual, foram observadas variáveis sob os aspectos econômicos, tais como risco, renda, educação e discriminação, além das variáveis sociais, como religião, local de nascimento, qualidade da vizinhança e interfaces da instituição familiar com o fenômeno.

As questões apresentadas no questionário são identificadas como variáveis da seguinte forma :

V1 = Beleza da garota de programa

V2 = Nível de escolaridade que possui

V3 = Qual foi o motivo que a levou a ser garota de programa

V4 = Está satisfeita com a profissão

V5 = Está procurando outro emprego

V6 = Qual o valor da hora cobrada

V7 = Quanto apura por mês

V8 = Possui outro emprego formal

V9 = Qual a raça

V10 = Quanto tempo possui de trabalho como garota de programa

V11 = Qual a idade

V12 = Usa camisinha nos programas

V13 = Qual relacionamento que os seus pais possuem (entre eles)

V14 = Tem prazer nos programas

V15 = É casada

V16 = Possui filhos

V17 = Quantos filhos tem

V18 = Usa drogas

V19 = É bissexual

V20 = A família sabe

V21 = Possui proxeneta

V22 = Investe em aparência

V23 = Investe em educação

V24 = Qual o nível de escolaridade da mãe

V25 = Possui religião

V26 = Já foi presa

V27 = Qual o Estado de nascimento

V28 = Foi criada com boa vizinhança

V29 = Acha-se bonita

V30 = Acha-se sexy

V31 = Cliente velho é mais caro

V32 = Cliente gordo é mais caro

V33 = A condição social do cliente faz variar o preço cobrado pelo programa

V34 = Ingere bebidas alcoólicas

V35 = Fuma

V36 = Os pais sabem

V37 = Acredita que seu proventos depende da sua aparência

Foi utilizada a metodologia com abordagem qualitativa e quantitativa, por ser uma investigação econômica, permitindo penetrar num mundo polêmico repleto de adversidades que se revelam sob várias dimensões: histórico, cultural, político e sobretudo econômico.

3.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA

Os dados coletados por meio do método de extração permitiram a análise com base na distribuição de frequência apresentada em anexo B por meio da estatística descritiva.

Aliado a esse trabalho, a pesquisa apresentada na revisão bibliográfica (capítulo 1) demonstrou que as desigualdades econômicas e sociais fomentam a exploração e o comércio do sexo. As variáveis descritas podem ser associadas em dois grandes grupos. (econômico e social) pois, assim, podem ser comprovados os fatores principal e secundário do estudo.

3.1.1 VARIÁVEIS ASSOCIADAS A FATORES ECONÔMICOS

O questionário apresentado no anexo A foi constituído de algumas perguntas específicas para determinar os fatores socioeconômicos que poderiam determinar o ingresso e explicar a permanência na prostituição. Sendo assim, os dados obtidos permitiram demonstrar algumas associações, na tabela 1, que revelam o perfil econômico.

- em relação às características socioeconômicas das profissionais do sexo, a tabela 1 demonstra que cinquenta e quatro e meio por cento das mulheres entrevistadas apresentou dificuldades financeiras como motivo de ingresso na prostituição.

- em relação aos proventos mensais, a tabela 1, demonstra que cinquenta e cinco por cento das prostitutas recebem mais de mil reais (R\$ 1.000,00) por mês.

Tabela 01: Perfil Econômico.

Variáveis	Determinantes	Porcentual (aproximado)
Motivo de Ingresso	Dificuldade Financeira	54,5 %
Proventos/ Mês	Acima de R\$ 1.000	55,0%
Velho mais caro	Discriminação	85,0 %
Gordo mais Caro		79,0 %
Condição Social varia o preço do programa		64,0 %
Investimento para captar clientes	Freqüente salão de beleza	84,0 %
Proventos dependem da aparência física	Inter- relação da aparência física, proventos e satisfação	89,5 %
Satisfação com proventos		75,0 %
Grau de Escolaridade	1º grau incompleto	54,0 %
Classificação de beleza	Média	43,5 %
Branca	Auto-avaliação quanto à aparência	57,0 %
Acha-se sexy		88,0 %
Acha-se bonita		84,0 %
Prazer nos programas	Raramente	83,0 %
Tempo de Trabalho	Até 5 anos	82,5 %

- mais de sessenta e quatro por cento das profissionais do sexo discriminam o preço cobrado pelo programa como consta na tabela 1. Os fregueses que possuem condição social mais elevada, obesos ou fregueses mais velhos pagam mais pelo programa.

- como a aparência é uma condição primordial para a obtenção do maior número de clientes, a tabela 1 esclarece que oitenta e quatro por cento investem no visual, freqüentando salão de beleza.

- em relação à aparência, satisfação e proventos, a tabela 1 mostra que cerca de oitenta e nove por cento acreditam que os proventos alcançados dependem da aparência física. A maioria, setenta e cinco por cento, está economicamente satisfeita com seu trabalho.

- a respeito da educação, cinquenta e quatro por cento, conforme a tabela 1, não possuem sequer o primeiro grau completo, além disso, constata-se que a baixa escolaridade atinge a grande maioria que não conseguiu concluir a educação básica⁶.

- entre as mulheres na rua, é mais difícil explicar o sucesso no trabalho, pois existem mulheres em idades variadas e estilos completamente diferentes. Mulheres muito bonitas, mulheres feias, novas, velhas, negras, mulatas, brancas, gordas, magras, baixas, altas, entre outras. Entretanto, a tabela 1 mostra que sessenta e seis por cento possuem beleza média ou acima da média.

- em relação a aparência, os dados da tabela 1 revelam que a maior parte é da raça branca, acha-se sexy e bonita.

⁶ Entendem-se por educação básica os oito anos do ensino fundamental (1º grau) e os três anos do ensino médio (2º grau).

- em relação ao prazer nos programas realizados, a tabela 1 mostra que a maior parte raramente ou nunca possui prazer.

- em relação à faixa etária, a tabela 1 mostra que oitenta e dois por cento das profissionais do sexo estão nessa profissão até cinco anos.

Ao constatar que a aparência é uma variável importante para obter proventos desejados que justifiquem investimentos pode-se relacionar o tempo de trabalho com a aparência, pois, conforme tabela 5, a variável salário é inversamente proporcional às variáveis beleza, idade, e tempo de trabalho.

3.1.2 VARIÁVEIS ASSOCIADAS A FATORES DE INTERAÇÃO SOCIAL

Outro fator importante para a prostituição feminina é a interação social. Os dados obtidos com o questionário apresentado no anexo 1 revelam a associação de variáveis que se mostraram fatores determinantes para a prostituição nos itens a seguir, demonstrando na tabela 2 um perfil social.

- setenta e sete por cento não possuem relacionamento com os pais. Trinta e quatro por cento dos familiares têm conhecimento, enquanto que sessenta e oito por cento dos pais não sabem do trabalho realizado como prostituta, conforme a tabela 2.

- a maioria das profissionais do sexo, segundo a tabela 2, possui filhos, não usa drogas ilícitas, apesar de fumar; possui religião e nunca foi presa pelo trabalho de prostituição. Além

disso, a mesma tabela mostra que, ter sido nascida e criada em boa vizinhança, é verdadeiro para a maioria das mulheres pesquisadas.

Tabela 2: Perfil Social

Variáveis	Determinantes	Porcentual (aproximado)
Relacionamento entre os pais	Conhecimento familiar a respeito do trabalho na prostituição	23,0 %
Familiares sabem		34,0%
Pais sabem		32,0 %
Filhos	Relações pessoais	56,0 %
Drogas ilícitas		7,0 %
Fuma		56, 0 %
Religião		64,0 %
Prisão		10,0 %
Boa Vizinhança		83,0 %
Faixa etária	Até 29 anos	82,0 %
Estado de nascimento	Goiás/Distrito Federal/ Minas Gerais	50,0 %

- a tabela 2 mostra que cerca de oitenta e dois por cento possuem até vinte e nove anos, apesar de existir uma pequena parcela de profissionais do sexo. (cerca de dezessete por cento), acima de trinta anos.

- quanto à naturalidade, a tabela 2 mostra que, dentre as profissionais do sexo pesquisadas, além dos dezoito por cento do Distrito Federal, cerca de trinta por cento vêm de Estados limítrofes (Goiás e Minas Gerais), totalizando aproximadamente cinquenta por cento.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados estatísticos apresentados anteriormente permitem uma estimativa que parte dos índices da análise de adequacidade realizada por meio da amostra da análise fatorial, detalhadas a seguir:

4.1 ANÁLISE DA ADEQUACIDADE – ANÁLISE FATORIAL

O índice utilizado para avaliar a adequacidade da amostra da análise fatorial é a Medida de Adequacidade de Amostra de Kaiser – Meyer – Olkin (KMO). Valores altos (entre 0,5 e 1,0) indicam que a análise fatorial é apropriada. Valores abaixo de 0,5 indicam que a análise fatorial pode ser inadequada.

O resultado aferido com o teste KMO, conforme a tabela 03, foi de 52,0%, demonstrando que a análise fatorial é apropriada. Em relação ao teste de esfericidade de Bartlett, verificamos que as variáveis são correlacionadas na população, não aceitando a hipótese nula de que a matriz correlação é uma matriz identidade.

Tabela 03: Teste de KMO e de Esfericidade de Barlet

Medida de adequacidade da amostra de Kaiser – Meyer – Olkin (KMO)		
Kaiser – Meyer – Olkin - KMO		0,520
Teste de esfericidade de Bartlet	Qui – Quadrado aproximado	1404,281
	Df	666
	Significância	0,00000

4.2 DETERMINAÇÃO DO NÚMERO DE FATORES

Nessa abordagem, são retidos apenas os fatores com autovalores superiores a 1,0; os outros fatores não são incluídos no modelo. Um autovalor representa a quantidade da variância associada ao fator. Logo, só se incluem fatores com variância maior do que 1,0. Fatores com variância inferior a 1,0 não são melhores do que uma variável isolada porque, devido à padronização, cada variável tem variância de 1,0. Se o número de fatores na tabela 4 for inferior a 14, essa abordagem resulta em um número conservador de fatores.

Utilizamos apenas os fatores com autovalores superiores a 1,5; os outros fatores não são incluídos no modelo. Apesar dos fatores de nove a quatorze também possuem autovalor acima de 1,0 e representar em cerca de 66% da variância acumulada, utilizamos apenas os primeiros oito fatores, conforme tabela 4.

Utilizamos apenas os fatores com autovalores superiores a 1,5; os outros fatores não são incluídos no modelo. Apesar dos fatores de nove a quatorze também possuem autovalor acima de 1,0 e representar cerca de 66% da variância acumulada, utilizamos apenas os primeiros oito fatores, conforme tabela 4.

Tabela 04: Total de Variância Explicativa

Fator	Autovalores iniciais			Soma de Quadrados de Cargas Extraídas			Soma de Quadrados de Cargas Rotadas		
	Total	% de Variância	% Acumulada	Total	% de Variância	% Acumulada	Total	% de Variância	% Acumulada
1	3,223	8,710	8,710	3,223	8,710	8,710	2,359	6,376	6,376
2	2,612	7,061	15,771	2,612	7,061	15,771	2,337	6,316	12,692
3	2,530	6,839	22,610	2,530	6,839	22,610	2,301	6,218	18,910
4	2,193	5,928	28,538	2,193	5,928	28,538	2,279	6,160	25,070
5	1,846	4,990	33,527	1,846	4,990	33,527	2,165	5,852	30,922
6	1,667	4,505	38,033	1,667	4,505	38,033	2,041	5,515	36,438
7	1,635	4,418	42,451	1,635	4,418	42,451	1,914	5,173	41,611
8	1,513	4,088	46,539	1,513	4,088	46,539	1,824	4,929	46,539
9	1,459	3,944	50,483						
10	1,387	3,749	54,232						
11	1,247	3,370	57,601						
12	1,191	3,218	60,819						
13	1,076	2,909	63,729						
14	1,041	2,814	66,543						
15	,998	2,698	69,241						

Tal escolha deve-se pelo motivo de os fatores extraídos, em menor número, demonstrarem com maior clareza o resultado da análise.

Finalmente, pela percentagem acumulada da variância apurada, vê-se que os oito primeiros fatores respondem por 46,53% da variância e que o ganho obtido ao passar para nove fatores é marginal.

4.3 INTERPRETAÇÃO DOS FATORES

O critério utilizado para seleção das variáveis que serão incorporadas aos fatores foi carga fatorial mínima de quarenta por cento considerada para compor o fator, conforme recomendado por Hatcher (1999).

Tabela 05: Matriz Rotada – Método Varimax

FATOR								
VARIÁVEL	1	2	3	4	5	6	7	8
BELEZA	-6,419E-02	,453	-,364	-,216	,204	-,286	9,192E-02	-,205
EDUCAÇÃO	,506	-,188	,182	-5,052E-03	-8,972E-02	,121	,153	,276
MOTIVO	-6,442E-02	-,287	3,757E-02	8,356E-02	-,345	4,370E-03	-5,386E-02	-,579
ESTA SATISFEITA	2,845E-02	8,712E-02	,120	,685	2,440E-03	6,776E-02	-,117	-,182
PROCURA EMPREGO	-2,062E-02	-3,965E-02	1,260E-02	-,570	8,063E-02	-,168	6,837E-02	-,176
VALOR HORA	-,229	-,235	,324	-,190	-,141	3,060E-02	,166	,325
SALÁRIO MES	-,261	-,116	,412	6,940E-02	-,308	,150	,223	,336
OUTRO EMPREGO	,107	,290	,299	-4,600E-02	-,353	2,321E-02	,126	-2,654E-02
RAÇA	8,924E-02	7,311E-02	-,474	-6,510E-02	-9,032E-02	,107	,135	7,800E-02
TEMPO TRABALHO	-4,473E-02	,770	1,833E-02	3,888E-02	4,237E-02	,148	-,189	-2,429E-03
IDADE	5,338E-03	,763	4,988E-02	7,240E-02	,147	5,274E-02	8,857E-02	7,229E-02
USA CAMISINHA	-,123	,118	-6,029E-02	-3,330E-02	5,912E-02	-,366	-9,225E-02	-8,562E-02
RELACIONA COM OS PAIS	,153	-,167	-1,617E-02	-6,790E-02	7,396E-02	,245	,639	,106
GOZAR PROGRAMAS	-,174	,203	,167	-,472	-7,050E-02	,116	,146	4,583E-02
CASADA	6,124E-02	,180	,723	,135	-6,273E-02	-5,149E-02	,133	-7,342E-02
TEM FILHOS	-,115	,168	-,134	-1,671E-02	7,629E-02	,813	-3,818E-02	2,033E-02
QUANTOS FILHOS	-8,486E-02	,314	-,102	1,657E-02	,149	,746	-5,263E-02	-,118
DROGAS	-2,336E-02	,346	-7,391E-02	,438	-,215	,137	,242	6,686E-02
BISSEXUAL	,155	-,128	,191	,128	8,844E-02	8,075E-02	,171	-,467
FAMÍLIA SABE	4,757E-02	,171	-4,647E-02	-6,881E-02	,756	7,434E-02	,188	-2,679E-02
PROXENETA	-,118	-,176	-5,067E-03	,247	,164	,197	-,585	-7,561E-02
INVESTE APARENCIA	,202	-7,235E-02	5,597E-02	,140	-6,260E-03	,189	6,998E-02	,664
INVESTE EDUCAÇÃO	-1,463E-02	-,122	,474	-,266	8,169E-02	-2,002E-02	9,057E-02	4,471E-02
EDUCAÇÃO MÃE	,123	9,004E-03	,390	-7,003E-02	-,235	,194	,233	-4,042E-02
RELIGIÃO	-,156	7,603E-02	-8,314E-02	-8,792E-02	-,530	1,202E-02	,317	-,117
PRESA	-7,836E-02	6,864E-02	-3,817E-02	8,308E-02	,103	,126	,214	-,223
ESTADO NASCIMENTO	,158	,285	-1,993E-02	-,359	-2,178E-03	4,129E-02	-,131	,188
BOA VIZINHANÇA	-,172	-6,398E-02	,119	3,755E-02	,168	-7,389E-02	,629	-9,730E-02
ACHA BONITA	-,106	-,237	,159	,362	,117	-,220	,176	,391
ACHA SEXY	4,584E-03	,161	-,242	,412	-6,767E-02	-,248	4,580E-02	9,591E-02
VELHO MAIS CARO	,727	3,857E-02	-9,992E-02	-2,417E-02	2,669E-02	-,134	-4,514E-02	-2,594E-02
GORDO MAIS CARO	,801	3,888E-02	1,607E-02	-8,860E-02	2,956E-02	4,993E-03	-5,794E-02	4,201E-02
CONDIÇÃO SOCIAL VARIA PREÇO	,690	1,108E-03	9,832E-02	,383	,129	8,688E-02	5,837E-02	-7,946E-02
BEBE	-2,191E-02	-6,170E-02	-,383	,369	,234	-,206	-,155	-4,137E-02
FUMA	-,136	-3,290E-02	-,441	,125	-3,633E-02	,160	,192	-,147
PAIS SABEM	-4,520E-03	,143	-3,769E-03	-7,687E-02	,724	,102	,180	-8,038E-02
SALÁRIO DEPENDE APARENCIA	7,181E-03	7,152E-02	,227	4,082E-02	-,145	-,211	-,146	,230

Os fatores são extraídos de tal forma que o primeiro responda pela mais alta variância nos dados, o segundo responda pela segunda variância mais alta e assim por diante. Além

disso, é possível extrair os fatores de modo que eles sejam não-correlacionados, tal como na análise dos componentes principais.

Na matriz de fatores rotada da tabela 05, o fator 1 tem coeficientes acima de quarenta por cento para as variáveis V2 (Educação), V31 (Cliente velho é mais caro), V32 (Cliente gordo é mais caro) e V33 (Condição social varia o preço cobrado pelo programa). Por conseguinte, este fator pode ser rotulado como o que está diretamente relacionado com o preço do programa.

O fator 2 relaciona-se fortemente com as variáveis V1(Beleza), V10 (Quanto tempo é Garota de Programa) e V11 (Idade). Por isso, o fator 2 pode ser rotulado como fator relacionado aos dotes físicos.

O fator 3 relaciona-se, acima da carga mínima de quarenta por cento, com as variáveis V7 (Salário mensal), V9 (Raça), V15 (Casada), V23 (Investe educação) e V35 (Fuma). Sendo assim, o fator 3 pode ser rotulado como fator que possui características socioeconômicas.

O fator 4 relaciona-se com as variáveis V4 (Satisfeita), V5 (Procura emprego), V14 (Prazer), V18 (Drogas) e V30 (Sexy). Conseqüentemente, o fator 4 pode ser rotulado como fator que demonstra a satisfação com o trabalho como garota de programa.

O fator 5 relaciona-se com as variáveis V20 (Família sabe), V25 (Religião) e V36 (Pais sabem). Por conseguinte, este fator pode ser rotulado como o que está diretamente relacionado com aprovação familiar.

O fator 6 relaciona-se com as variáveis V16 (Filhos) e V17 (Quantidade filhos). Por isso, o fator 6 pode ser rotulado como fator relacionado a ter e criar filhos.

O fator 7 tem coeficientes acima de quarenta por cento para as variáveis V13 (Relacionamento Pais - entre eles) e V28 (Boa vizinhança). Sendo assim, o fator 7 pode ser rotulado como fator associado a relações pessoais.

O fator 8 relaciona-se com as variáveis V3 (Motivo), V19 (Bissexual) e V22 (Investe aparência). Portanto, o fator 8 pode ser rotulado como fator que explica a motivação e a aparência das garotas de programa.

Percebe-se uma associação entre os fatores um, dois, três, quatro e oito, o que os leva a serem considerados como fatores econômicos que justificam o ingresso na prostituição, enquanto que os fatores relacionados à interação social são os cinco, seis e sete. Esses dois grupos levam a algumas considerações finais pontuadas a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar o estudo sobre a prostituição feminina, através do levantamento de dados obtidos com as profissionais do sexo, pode-se apreender a dimensão como fenômeno de exploração econômica⁷.

A análise teve como objetivo tentar verificar quais os fatores que são determinantes para a prostituição feminina. Verificam-se dois grandes grupos de fatores com características bem definidas. O primeiro grupo, composto pelos fatores um, dois, três, quatro e oito, denominados fatores econômicos, e o segundo grupo, tendo os fatores cinco, seis e sete como fatores de interação social.

Constatou-se que os fatores econômicos são mais relevantes que os fatores de interação social, conforme o resultado da análise fatorial, anexo C, demonstrado na tabela 05.

Com base na análise de frequência foi possível constatar a existência de altos rendimentos apesar da baixa qualificação profissional e a opção por essa atividade devido ao baixo potencial para os ganhos no mercado de trabalho feminino.

Apesar do baixo nível de escolaridade (54% possuem o 1º grau incompleto), uma boa parte conquista proventos expressivos (55,0% recebem mais de R\$ 1.000,00) . Essa renda informal, muitas vezes, apresenta ganhos superiores a ocupações que exigem nível mais elevado de educação, além das mulheres receberem melhores remunerações enquanto jovens.

Os resultados confirmados pelos fatores um, dois, três, quatro e oito estão de acordo

⁷ Anexos A e B.

com os principais estudos realizados na literatura nacional e internacional, pois verifica-se em Gaspar (1988) que a miséria econômica é vista, no Brasil, como um dos principais motivos de ingresso no mundo da prostituição.

Ambas as fontes, teórica e empírica, confirmaram e/ou forneceram dados, seja na revisão da literatura ou na pesquisa de campo respectivamente. Após análises, permitiram concluir que as desigualdades econômicas e sociais fomentam a exploração e o comércio do sexo. A prostituição apresenta diferentes formas entre as classes sociais, e assim, sugere a relativização de sua ligação com a miséria da população (Castro, 1993; Moraes, 1996; Wolf, 1998; Szterenfeld e Fonseca, 1996).

Pode-se constatar no contexto familiar das profissionais do sexo, a existência de uma grande zona de conflitos nas relações entre seus membros e na forma como estes vêm elaborando as situações adversas, tão presentes no cotidiano, conforme os fatores de interação social, cinco, seis e sete. Identificou-se que o fator de interação social mais importante está relacionado com a aprovação familiar. Observou-se que 77,0% das profissionais do sexo possuem pais com problemas de relacionamento e 68,0% desses pais não sabem do trabalho na prostituição.

Ao considerar a instituição familiar desprovida de atenção no que se refere às possibilidades de acesso aos mais variados tipos de necessidades básicas que poderiam propiciar sua plena estruturação, a família enfrenta as adversidades da manutenção da harmonia em suas inter-relações, conforme verificou-se no fator 5 que está diretamente relacionado com a aprovação familiar.

A ausência de diálogo, informação e orientação propiciou uma rede de conflitos,

desestruturando as relações, provocando o afastamento do seio familiar e a evasão escolar, comprometendo o processo de crescimento e desenvolvimento econômico dessas mulheres. (Engel, 1986; Gaspar, 1988).

Considerável número de estudos atribui a prostituição a problemas relacionados à pobreza, doença familiar, viuvez, violência, abandono pelo marido, necessidade de criar os filhos, necessidade de cuidar e sustentar doentes e outras questões relativas à dinâmica familiar ou, ainda, a falta de opção de trabalho no mercado formal, conforme (Engel, 1986; Gomes, 1994). Dentre as profissionais do sexo pesquisadas, 56,0% têm filhos, enquanto 69,0% não são casadas, conforme anexo B.

Conforme Rago (1991), não importa se as razões para a prostituição derivam de um pecado social ou individual, pois, conforme Castro (1993), quem pertence a esse universo manter-se-á “fora” do “bom caminho”, à margem do meio-social.

Porém, as expectativas de futuro estão presentes em algumas das respostas aos questionários, anexo A, confirmando e identificando como anseio de ter um emprego rentável (41,0% procuram emprego) que remunere de forma igual, ou superior, aos proventos atuais, para poder deixar de praticar a prostituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Atchison, C., Fraser, L., and Lowman, J. (1998) Men who buy sex: preliminary findings of an exploratory study. *In* Prostitution: on whores, hustlers, and Johns, edited by James E. Elias et al., Prometheus Books, New York.
- Bacelar, J. A . (1982) A Prostituta como Família in: A Família da Prostituta. Ensaio 87. SP, Ática e Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador.
- Carneiro, Francisco G., (2000) Manual para elaboração de projetos de dissertação. Universidade Católica de Brasília, **mimeo**.
- Carneiro, Francisco G., Loureiro, Paulo R. A., Sachsida, Adolfo.(2005) Crime and social interactions: a developing country case study, Catholic University of Brasilia *In* **Journal of Socio-Economics**, vol. 34, Pp 311-318.
- Castro, R .V.(1993) Representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro *In* SPINK, M. J. (orgs). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. Brasiliense, São Paulo.
- Costa, J. F. (1996) O referente da identidade homossexual *In* PARK, R. e BARBOSA, R. M. (orgs). Sexualidades brasileiras. Relume Dumará; ABIA IMS UERJ, Rio de Janeiro.
- Edlund, L. and E. Korn (2002) A theory of prostitution *In* **Journal of Socio-Economics**, Pp 1, 110.
- Ellis, Havelock. (1936) Studies in the psychology of sex. 4 vols. Random House, New York.
- Engels, Friedrich. (1972) The Origin of the family, private property and the state. 1884. Reprint. Translated by Alec West Penguin Classics, London.
- Engel, M. G. (1986) O médico, a prostituta e os significados do corpo *In* VAINFRAS, R. (org). História e sexualidade no Brasil. Graal, Rio de Janeiro.
- Espinheira, G. (1984) Conformismo e divergência *In* Divergência e prostituição uma análise sociológica da comunidade prostituicional do Maciel. Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. (1999) Novo Aurélio século XXI: O dicionário da língua portuguesa. 3ª edição totalmente revista e ampliada. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Ford, Kimberly-Anne. (1998) Evaluating prostitution a human service occupation *In* Prostitution: on whores, Hustlers, and Johns, edited by James E. Elias *et al.* Prometheus Books, New York.

- Gaspar, M. D. (1998) Garotas de programa: prostituição em copacabana e identidade social. Jorge Zahar Editor, 2a edição, Rio de Janeiro.
- Goffman, E. (1975) O eu e seu outro *In* Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- Gomes, R. (1994) Prostituição infantil: uma questão de saúde pública. **Cadastro de Saúde Pública**, 10 (1): 58-66, jan/mar, Rio de Janeiro.
- HARCOUT, Bernard E. (1999) The collapse of the harm principle, University of Arizona College of Law - **Journal of Criminal Law and Criminology**, Vol. 90, Pp. 109-194, 1999.
- Hatcher, Larry.(1999) A step by step approach to using the sas system for factor analysis and structural equation modeling. SAS Institute Inc., Cary NC, USA.
- Hirshman L. R. and Larson Jane E. (1998) Hard bargains: the politics of sex. Oxford University Press, Rio de Janeiro.
- Laumann, Edward O. *et al.*(1994) The social organization of sexuality: sexual practices in the United States. University Chicago Press, Chicago.
- Lim, Lin Lean (ed). (1998) The sex sector: the economic and social bases of prostitution in southeast Asia. Internat. Labour Off, Geneva.
- Mason, Mary Ann. (1999) The custody wars: why children are losing the legal battle and what we can do about it. Basic Books, New York.
- Moraes, A. F. (1936) Mulheres da Vida: prostituição, identidade social e movimento associativo. Vozes, Rio de Janeiro.
- Nagaraj, Shyamala; Yahya, Siti Rohani. (1995) The sex sector: an unenumerated economy. Penerbit University, Malaysia.
- Nagaraj, Shyamala; Yahya, Siti Rohani. (1998) Prostitution in Malaysia. *In* The sex sector: the economic and social bases of prostitution in southeast Asia, edited by Lin Lean Lim. Internat. Labour Off, Geneva.
- Patterson, Orlando.(1998) Rituals of blood: consequences of slavery in two American Centuries. Civitas/Counterpoint, Washington (D.C).
- Philipson, Tomas J.; Posner, Richard A. (1993) Private choices and public health: The AIDS epidemic in an economic perspective. Harvard Univ. Press, Cambridge.
- Rago. M. (1996) Prostituição e mundo boêmio em São Paulo (1890 – 1940) *In* Park, R.; Barbosa, R. M. (orgs) Sexualidades Brasileiras. Relume Dumará; (ABIA IMS UERJ), Rio de Janeiro.

Rago, M.(1991) Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Paz e Terra, Rio de Janeiro.

Ribeiro, M. A C; Mattos, R. B. (1996) Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro *In* Território. (LAGET) UFRJ. Relume Dumará: vol 1, No 1 (Jul./Dez), Rio de Janeiro.

Roberts, N.; Lopes, Magda (trad). (1998) As prostitutas na história. Rio de Janeiro: Record coleção Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro.

Szterenfel, C; Fonseca, Z. (1996) Profissionais do sexo no Rio: contexto sócio-cultural e comportamento preventivo em três áreas. PIM, Rio de Janeiro.

Wolf, N; Barcelos, Waldéa (trad) (1992) O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rocco, Rio de Janeiro.

Wolf, N; Barcelos, Waldéa (trad) (1998) Promiscuidades: a luta secreta para ser mulher. Rocco, Rio de Janeiro.

ANEXOS

ANEXO A - PESQUISA DE CAMPO - QUESTIONÁRIO

Nome de Guerra: _____

Muito Bonita Acima da Média Média Abaixo da Média Feia

Prostituta de: Rua Boate Ambas

1-) Qual seu grau de escolaridade?

1º grau incompleto 1º grau completo 2º grau incompleto
2º grau completo

2-) Entrou na prostituição por:

Dificuldade financeira Baixos Salários em outros mercados
 Prazer Baixa oportunidade de emprego em outros mercados
 Influência de amigas

3-) Você esta satisfeita na sua Profissão Atual ? Sim Não

4-) No momento, você esta procurando outro emprego? Sim Não

5-) Qual o seu preço por hora incluindo um programa (transa) ? _____

6-) Qual o seu salário mensal com a prostituição ? _____

7-) Você tem um emprego fora da prostituição ? Sim Não

Formal Informal Sindicalizada Não sindicalizada (apenas para as que responderam sim na pergunta 7)

8-) Se sim, qual o salário ? _____

9-) Qual a sua raça: Branca Não - Branca

10-) Há quanto tempo está neste mercado ? _____

11-) Qual a sua idade ? _____

12-) Usa camisinha ? Sempre Quase sempre Raramente

13-) Sem camisinha é mais caro ? Sim Não Quanto? _____

- 14-) Você tem bom relacionamento com seus pais ? () Sim () Não
- 15-) Consegue ter prazer (gozar) nos programas ? () Sempre
() Frequentemente () Raramente () Nunca
- 16-) É casada ou mantém relação estável ? () Sim () Não
- 17-) Tem filhos ? () Sim () Não Quantos ? _____
- 18-) Usa Drogas? () Sim () Não
- 19-) Você é Bissexual? () Sim () Não Por prazer ?() Sim () Não
- 20-) Sua Família sabe de sua Profissão? () Sim () Não
- 21-) Divide seus ganhos com empresário?() Sim ()Não Quanto ele fica?
- 22-) Você investe na aparência Física ?
()Faz academia ()Vai ao Salão de Beleza ()Faz Massagem
- 23-) Investe em educação ? () Sim () Não Curso? _____
- 24-) Qual o grau de escolaridade de sua mãe?
1º grau incompleto () 1º grau completo () 2º grau incompleto ()
2º grau completo () 3º grau completo ()
- 25-) Possui uma religião? () Sim () Não Qual: _____
Vai a missa/culto ? () Sim () Não
Crê em Deus ? () Sim () Não
- 26-) Já foi presa por Prostituição ? () Sim () Não
- 27-) Qual Estado de seu nascimento? _____
- 28-) Você cresceu em boa vizinhança ? () Sim () Não
- 29-) Se acha Bonita ? () Sim () Não Se acha Sexy ? () Sim () Não
- 30-) Cliente Velho é mais caro? () Sim () Não
- 31-) Cliente Gordo é mais caro ? () Sim () Não
- 32-) O preço varia conforme a condição social do cliente? ()Sim ()Não Quanto? (carro novo, bem vestido, aparência de rico)
- 33-) Bebe Muito ? () Sim () Não Fuma ? () Sim () Não

34-) Algum de seus Pais sabem de sua profissão? () Sim () Não

35-) Você acha que seu salário depende de sua aparência Física?() Sim () Não

ANEXO B – ESTATÍSTICA DESCRITIVA

ANEXO C – ANÁLISE FATORIAL